

# A BAIXARIA DE CADA DIA<sup>1</sup>

Os jornais estão cheios das declarações inflamadas, enquanto as redes sociais se transformam em campos de batalha onde simpatizantes e opositores se digladiam com memes, xingamentos e teorias conspiratórias. Cada passo dos candidatos é seguido com lupa, e cada palavra mal colocada vira manchete, alimentando um ciclo incessante de trocas de farpas e frases feitas.

Esses dois personagens, tão diferentes na aparência quanto na postura, têm mais em comum do que gostariam de admitir. De um lado, há o carismático populista, que se alimenta da retórica inflamadora. Ele fala para o "povo", diz ser a voz dos que nunca foram ouvidos, mas é difícil encontrar uma frase sua que não contenha uma ofensa ou uma promessa grandiosa que, de tão vazia, ecoa como oca. Do outro lado, o pragmático tecnocrata, que tenta se manter "acima da baixaria", mas escorrega vez ou outra, lançando comentários ácidos, supostamente "intelectuais", que apenas reforçam a divisão. E enquanto ambos dançam nesse teatro do absurdo, os verdadeiros problemas ficam de lado.

A baixaria, alimentada dia após dia, vira entretenimento. Nas mesas dos bares, nas filas dos mercados, nas conversas de elevador, é o combustível de uma sociedade que, cansada de discussões produtivas e soluções práticas, encontra prazer em ver quem grita mais alto. Em São Paulo, cidade que já foi símbolo do trabalho árduo e da construção de um futuro, agora a política virou uma versão sem glamour de um reality show, onde o que vale não é o projeto de cidade, mas quem consegue dominar a narrativa com os ataques mais ferinos.

É como se a população, exausta de esperar por melhorias reais no transporte público, na saúde e na educação, tivesse decidido que, já que as mudanças nunca vêm, ao menos poderiam se divertir com o espetáculo de agressões verbais e acusações sem fim. Não se discute mais políticas públicas; discute-se quem "lacrou" mais no último debate, ou quem conseguiu arrastar mais seguidores para suas lives incendiárias.

E o povo? O povo ri, chora, se exaspera e, no fim das contas, clica no "compartilhar". Porque o que restou da política são os fragmentos de discussões truncadas, os cortes de vídeos onde uma frase tirada de contexto ganha mais relevância do que um estudo de impacto social.

---

<sup>1</sup> Esta pequena crônica foi escrita antes das eleições municipais de 2024. Embora anacrônica, resolvi publicá-la porque ela retratava fielmente o cenário da época.

Enquanto a baixaria segue, os problemas reais da cidade continuam acumulando. O trânsito caótico, o metrô superlotado, a violência crescente, a desigualdade que só aumenta... Esses temas são mencionados, é claro, mas sempre de forma rasa, sem propostas que se sustentem. São acessórios na narrativa de guerra política.

E São Paulo, essa metrópole gigante, continua a funcionar quase por inércia, enquanto seus cidadãos, divididos entre dois candidatos que alimentam a baixaria, aguardam algo que vá além das ofensas, algo que possa realmente melhorar suas vidas. Mas até lá, a baixaria segue alimentando as manchetes e, por consequência, nossas conversas cotidianas.

No fim, a baixaria, que parece inofensiva ou mesmo divertida, tem um custo. E quem paga por isso são todos aqueles que esperam, ano após ano, por uma política que seja mais do que apenas um duelo de palavras vazias.